

# RELATÓRIO PIBAGRO - MINAS GERAIS



Outubro de 2013\*

GDP Agribusiness – Outlook

\*TEXTO ELABORADO EM OUTUBRO/2013 COM BASE EM INFORMAÇÕES DISPONÍVEIS ATÉ JULHO/2013



# Relatório PIBAgro - Minas Gerais

## GDP AGRIBUSSINESS – OUTLOOK

O Relatório PIBAgro – Minas Gerais é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa).

O cálculo do PIB do agronegócio é feito pela ótica do valor adicionado, a preços de mercado, computando-se os impostos indiretos líquidos de subsídios. A quantificação dessa medida reflete a evolução do setor em termos de *renda real*, a qual se destina à remuneração dos fatores de produção: trabalho (salários e equivalentes), capital físico (juros e depreciação), terra (aluguel e juros) e lucros. Considera-se, portanto, no cômputo do PIB do agronegócio tanto o crescimento do volume produzido como dos preços, já descontada a inflação.

O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: (a) insumos para a agropecuária, (b) produção agropecuária básica ou, como também é chamada, primária ou “dentro da porteira”, (c) agroindústria (processamento) e (d) distribuição. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o setor agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.

É importante destacar que este relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, pode, portanto, haver alteração dos resultados de meses e também de anos passados. Recomenda-se o uso do relatório mais atualizado.

Os cálculos sobre a variação do *volume* partem das mais recentes projeções de safra para o ano em curso. Essas quantidades são confrontadas com as projeções de volume correspondentes do ano anterior. A variação obtida entre os dois anos é, então, usada para o cálculo da taxa mensal de variação do volume, bem como da taxa acumulada a partir de janeiro do ano em curso. No final do ano, a taxa acumulada por esse procedimento coincidirá com a taxa de variação do volume (confirmado e não mais projetado) entre o ano corrente e o anterior. Quanto aos preços, a comparação é feita entre a média real do período (número de meses) transcorrido no ano corrente e a média real do mesmo período do ano anterior. Essa variação anual é, então, usada para o cálculo da taxa mensal e da taxa acumulada desde janeiro do ano em curso.

### Equipe Responsável

**Geraldo Sant’Ana de Camargo Barros, Ph.D**

Pesquisador Chefe/ Coordenador Científico do Cepea/Professor titular Esalq/USP

**Adriana Ferreira Silva, Dra., Arlei Luiz Fachinello, Dr., Fernanda Ultremare, Ma., Nicole Rennó Castro, Bel.,** Pesquisadores do CEPEA



## APRESENTAÇÃO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, com o apoio financeiro da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg) e da Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento de Minas Gerais (Seapa), apresentou expansão em julho (0,56%), atingindo alta de 1,12% nos primeiros sete meses de 2013 (Figuras 1 e 2).

Como observado nos meses anteriores, o crescimento esteve atrelado ao avanço de 1,57% da pecuária em julho, já que a agricultura recuou 0,30% (Figura 1). Na cadeia da agricultura, o declínio foi resultado de retração nos segmentos básico e de distribuição, já que insumos e indústria passaram a apontar variações positivas. Na cadeia da pecuária, todos os segmentos mostraram expansão, inclusive o de insumos, que desde fevereiro apresentava taxas negativas.

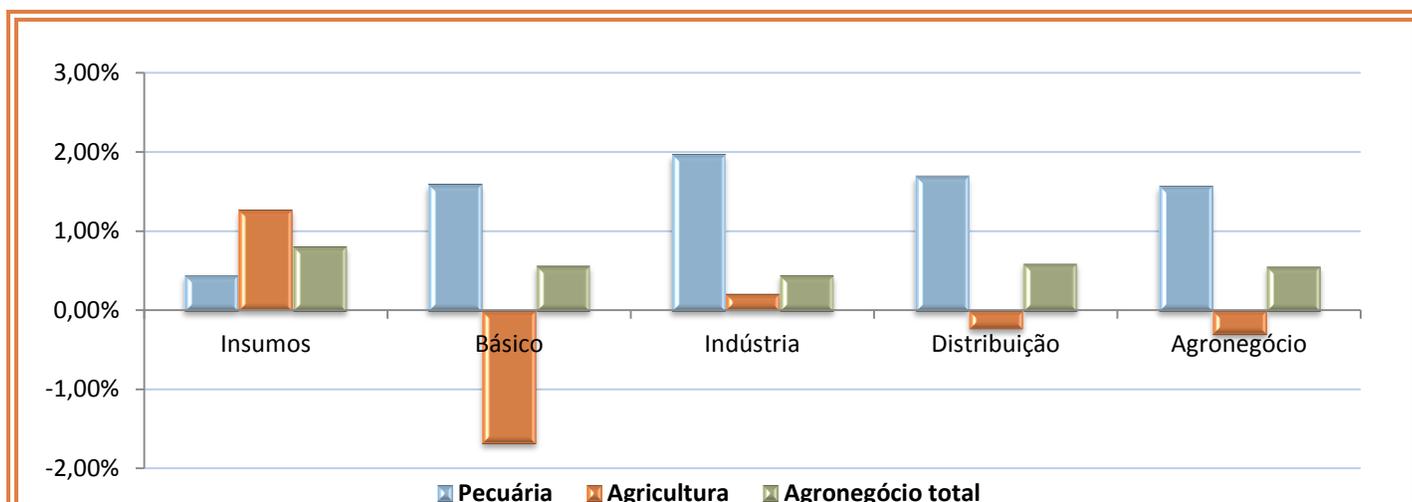


Figura 1 - Taxas de crescimento do PIB do agronegócio em julho de 2013 (%)

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

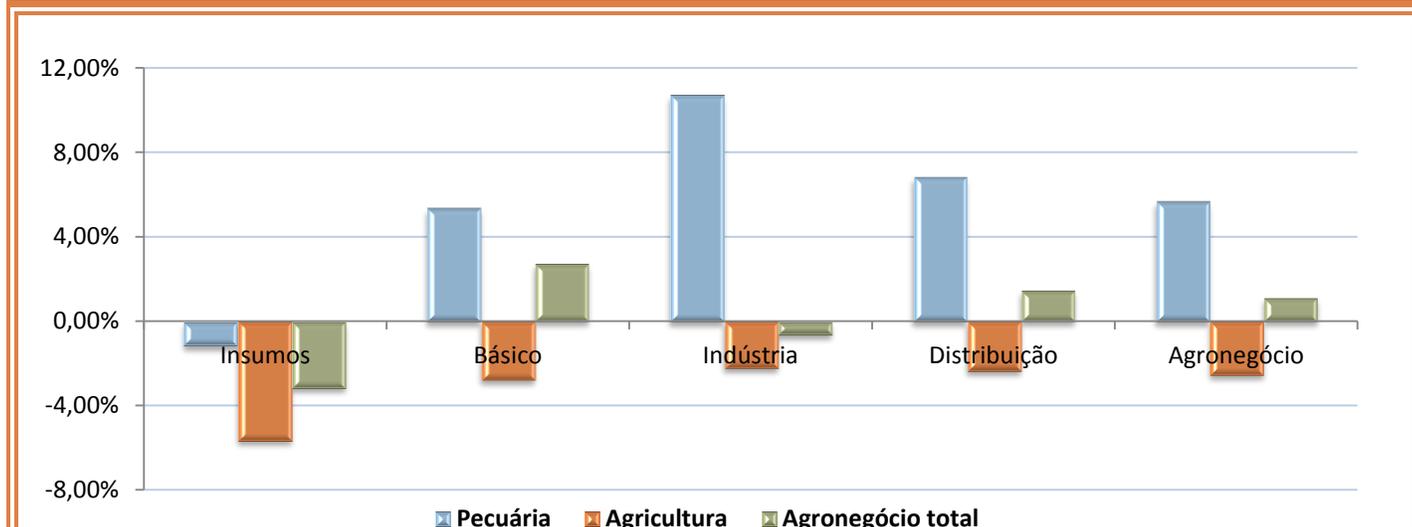


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas do PIB do agronegócio de janeiro a julho de 2013 (%)

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### ESTIMATIVAS DE VALOR DO PIB DO AGRONEGÓCIO DE MG

O agronegócio mineiro apresentou expansão de 1,12% entre janeiro e julho de 2013, o que levou a renda estimada para R\$ 153,6 bilhões (a preços de 2013). Desse valor, R\$ 83 bilhões ou 54% devem vir da agricultura e R\$ 70,6 bilhões ou 46%, da pecuária (Tabela 3).

### EVOLUÇÃO DOS SEGMENTOS QUE FORMAM O PIB

Em julho, o agronegócio da agricultura declinou 0,30%, resultando em queda de 2,55% na renda anual deste setor, avaliada nos primeiros sete meses de 2013. O segmento de insumos voltou a apresentar variação positiva (taxa de +1,28%), mas acumulou baixa de 5,64% no ano. A indústria também mostrou avanço no mês (+0,21%), mas queda no acumulado no ano de 2,22%. Primário (“dentro da porteira”) e distribuição mantiveram-se em declínio, com taxas de -1,67% e -0,23% em julho e de -2,79% e -2,35% de janeiro a julho.

Já na cadeia da pecuária, houve elevação de 1,57% em julho, o que levou o resultado positivo anual para 5,70% (contra 4,07% até junho). Nenhum segmento da cadeia apresentou declínio; mesmo o de insumos que desde fevereiro vinha apresentando taxas negativas cresceu em julho: 0,45%. Indústria e distribuição registraram as maiores elevações (1,97% e 1,70%), acumulando em 2013 avanço de 10,72% e 6,86%, respectivamente.

## INSUMOS

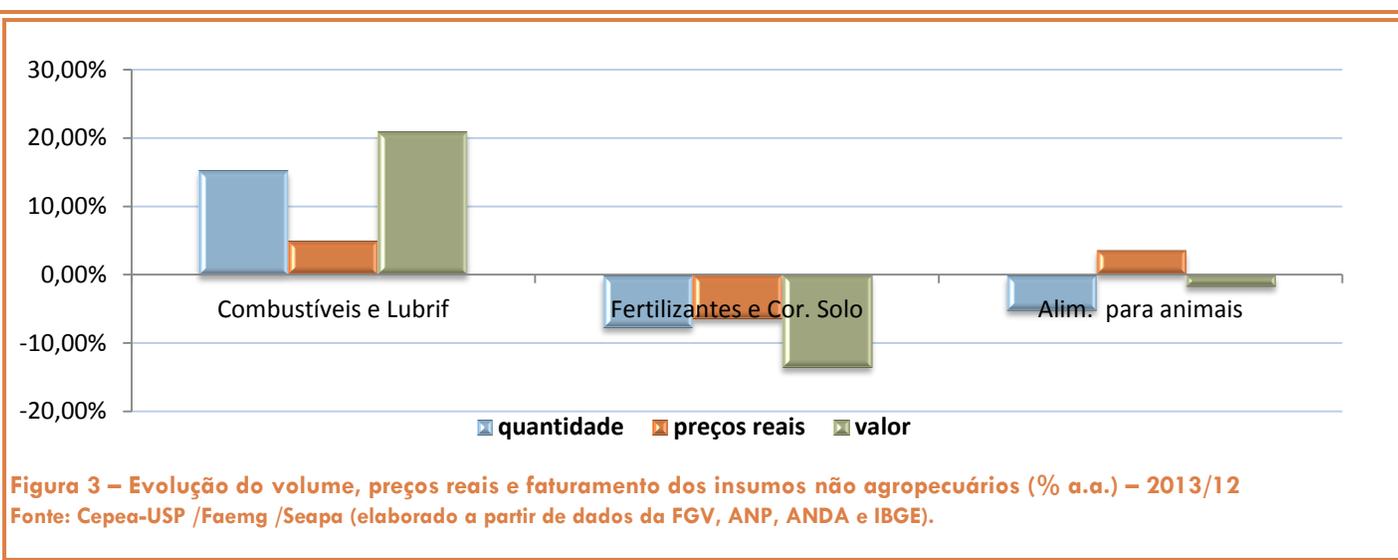
O segmento de insumos do agronegócio mineiro apresentou expansão de 0,81% em julho de 2013. Ainda assim, ainda acumula declínio de 3,14% no ano. A melhor *performance* neste mês é reflexo da elevação de preços reais (já descontada a inflação) e de volume do grupo de combustíveis e lubrificantes. Por outro lado, fertilizantes e corretivos de solo, assim como alimentos para animais mantiveram-se em queda, na comparação anual. No grupo de insumos para a agricultura, o avanço em julho foi de 1,28% e, para a pecuária, de 0,45%. No acumulado ano, o cenário ainda é de baixa, com taxas de negativas de 5,64% para a agricultura e de 1,14% para a pecuária.

Na comparação entre os primeiros sete meses de 2013 com o mesmo período do ano anterior, o grupo de fertilizantes e corretivos do solo apresentou a maior queda de receitas (13,53%). Os preços reais foram 6,39% a.a. inferiores e as vendas no estado, 7,63% a.a. menores. No entanto, na comparação com o mês anterior, os valores de queda estão em menores patamares. A tendência é de que os preços voltem a subir no curto e médio prazos diante da elevação da demanda no segundo semestre e da valorização do dólar.

No grupo de combustíveis e lubrificantes, a média de preços reais no ano foi 4,87% superior à registrada no mesmo período de 2012. A perspectiva de avanço em volume foi ainda maior (15,28% a.a.), levando o faturamento anual do setor a registrar expressivo aumento de 20,89%. A estratégia de se elevar o refino de petróleo pela Petrobrás a fim de reduzir as importações de derivados foi satisfatória.

Já os alimentos para animais apresentaram redução de 1,72% a.a. na renda. Houve continuidade do movimento de alta nos preços reais, que subiram 3,57% na comparação com o mesmo período do ano anterior. O grupo, porém, apontou declínio das estimativas de volume de 5,10% a.a. Segundo informações do Sindirações, a situação do setor é delicada, pois além de ter enfrentado forte aumento de custos desde meados de 2012, com a elevação nas cotações do milho e do farelo de soja, também se mantém dependente de insumos importados, cada vez mais caros com a valorização do dólar frente ao Real.

Na Figura 3 estão as taxas de crescimento dos ramos de insumos não agropecuários em 2013, tomando-se como base os preços médios reais de janeiro a julho de 2013 em relação ao mesmo período do ano anterior e às estimativas anuais de produção para 2013. Na Tabela 8 estão os números dos setores que compõem o segmento.



## ATIVIDADES “DENTRO DA PORTEIRA”

As atividades primárias continuaram o movimento de crescimento e em julho registraram em conjunto taxa de +0,57%. Com isso, na parcial do ano, o segmento acumulou alta de 2,73%. Este resultado deveu-se ao desempenho positivo da pecuária (5,38% no ano), uma vez que para a agricultura o cenário foi de queda: 2,79% até julho.

Na comparação entre 2013 e 2012, houve recuo de 5,43% nas cotações (com base no preço médio ponderado das atividades acompanhadas) e de 0,42% nas expectativas de produção agregada das atividades primárias da agricultura. Com isso, o retração na renda foi de 2,79% no acumulado do ano, dadas as estatísticas disponíveis até o mês corrente (julho).

Ainda assim, ocorreram ganhos de receita nas culturas da soja, batata-inglesa, tomate, mandioca e banana (Figura 4). Na soja, o avanço de 7,05% a.a. ocorreu devido a estimativa de expansão da produção de 9,74% em relação à safra passada. A média de preços reais na comparação entre os anos, entretanto, passou, neste mês, a apresentar redução de 2,45%. Segundo pesquisadores do Cepea, os preços da soja em grão estiveram bastante instáveis no correr de julho. Do lado vendedor, a expectativa era de recuperação dos valores da oleaginosa neste segundo semestre, por conta da entressafra. Assim, sem necessidades imediatas de fazer caixa, sojicultores estiveram retraídos. Do lado comprador, muitos já apostavam em quedas nas cotações, fundamentados na possível maior oferta do produto dos Estados Unidos. Com isso, no acumulado de julho, as baixas prevaleceram, resultando em queda na comparação com o mesmo período de 2012.

A batata-inglesa e o tomate merecem destaque, pois mesmo perdendo fôlego em relação às cotações de junho, as taxas anuais de crescimento seguem expressivas: 216,13% a.a. e 71,03% a.a. Para a batata, este significativo aumento no faturamento segue atrelado essencialmente à expansão dos preços (192,21% a.a.), visto que, comparativamente à safra passada, a expectativa para aumento de volume até julho foi de apenas 8,19% a.a. Entretanto, segundo a equipe Hortifruti/Cepea, mesmo capitalizados após um período de cotações favoráveis, os bataticultores não aumentaram a área em virtude da baixa quantidade de batata-semente disponível no mercado e também da grande concorrência de outras culturas pela terra. Sem problemas climáticos até julho, a safra de inverno está prevista para começar a ser colhida em agosto no Sul de Minas.

No caso do tomate, a alta de 71,03% no faturamento esperado para 2013 também esteve relacionada aos preços registrados nos primeiros sete meses do ano, cujo aumento no período foi 46,94%. Vale frisar que as estimativas médias de preços reais começaram a cair em março, quando o preço nominal do fruto atingiu o maior valor do ano. Entre junho e julho de 2013, a queda na variação anual foi de 51,09 pontos percentuais (p.p.). De acordo com pesquisadores do Cepea, além deste ser o período de maior oferta da safra de inverno, o clima mais propício à cultura favoreceu a produção.

A mandioca e a banana também mantiveram aumento de receitas até julho de 2013, puxadas fundamentalmente pelo aumento de preços reais (33,76% a.a. e 32,07% a.a., respectivamente). Para a mandioca, o volume manteve-se em queda de 0,21% a.a. e para a banana em alta de 6,69% a.a.

Já as perdas de receita ocorreram no café, milho, cana-de-açúcar, feijão, carvão vegetal, laranja, algodão e arroz (Figura 4), com quedas mais significativas nas culturas da laranja, café e algodão. Na comparação com igual período de 2012, esses produtos apresentaram redução no faturamento de 48,81%, 33,84% e 27,10%, respectivamente. A laranja continuou a mostrar o maior declínio real em preços (50,57% a.a.), mantendo o movimento de retração das cotações desde fevereiro de 2013; já em volume, as estimativas foram de aumento de 3,55% na comparação com a safra passada. O café teve seu desempenho atrelado ao recuo de 29,79% a.a. em preços reais (já descontada a inflação) e de 5,76% a.a. em volume.

Produção e estoques em alta explicam o menor patamar dos preços do café ao longo do ano. Medidas de compra e financiamento dos estoques vinham sendo reivindicadas pelos produtores, e logo que anunciadas (leilões de opções públicas, e liberação de recursos para as linhas de financiamento do Fundo de Defesa da Economia Cafeeira-Funcafê), os preços voltaram a reagir, crescendo em relação à junho (0,58%). Quanto à colheita, segundo colaboradores do Cepea, cerca de 50% dos grãos já haviam sido colhidos até o período. A umidade na primeira quinzena de julho gerou lotes com maior qualidade. Zona da Mata mineira, contudo, o café apresenta peneira inferior em relação à safra passada, devido à estiagem do início deste ano, que prejudicou o desenvolvimento do grão e reduziu o calibre. Com o avanço da colheita, cafés de qualidade superior foram observados, mas, no geral, o padrão deve ser mediano.

Na atividade algodoeira, os preços reais atingiram expansão 13,80% na comparação com o mesmo período do ano anterior. Este desempenho poderia ter sido ainda mais expressivo não fosse a perda de ritmo das cotações nos meses de maio e junho. Já em julho, a alta dos preços internacionais e do dólar, refletiu em aceleração no preço do algodão, e na média mensal a cotação ficou acima do mês de junho. No entanto, com o volume retraindo em 35,94% a.a., a estimativa para o faturamento anual mostrou queda de 27,10% a.a.

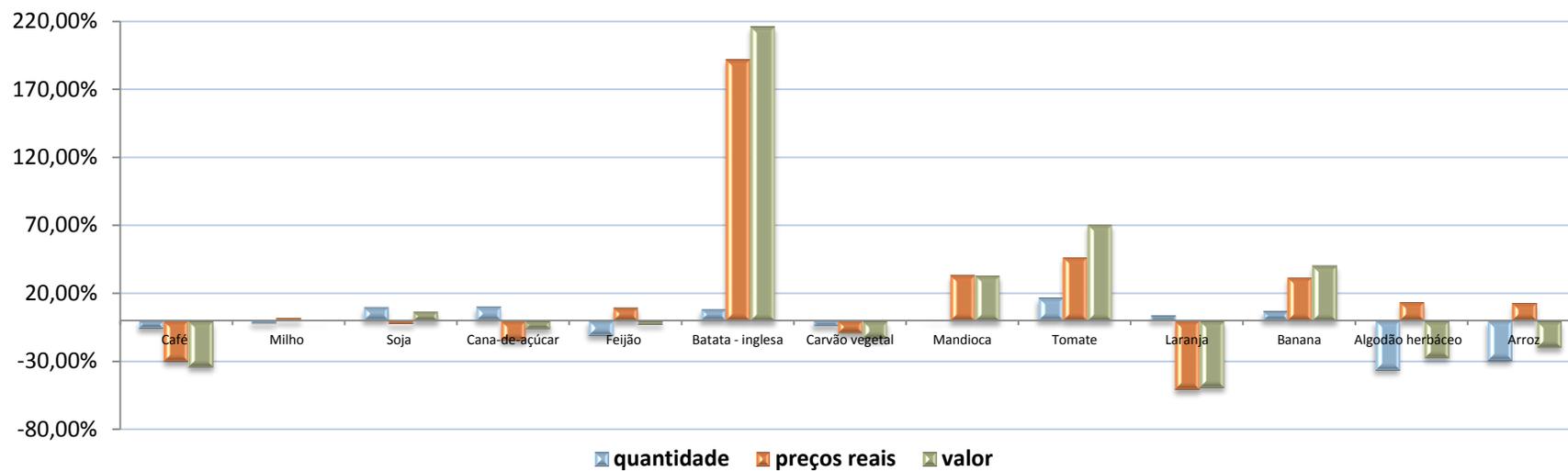
O carvão vegetal igualmente registrou recuo em saldo até julho (-12,74% a.a.); o que se explica pela baixa de preços reais em 9,12% a.a. e pelas menores expectativas de volume (-3,98% a.a.). A cana-de-açúcar, por sua vez, manteve a trajetória de queda em faturamento iniciada em janeiro deste ano. O resultado 5,77% a.a. menor que em 2012 refletiu a retração em preços reais (-14,43% a.a.), já que, em volume, a cultura sustenta elevação de 10,12% a.a. De acordo com dados divulgados pela SIAMIG (Associação da Indústria Sucroenergética de MG), o clima favorável, sem chuvas predominantes, é um dos principais fatores que vem impulsionando o ritmo de colheita e processamento.

O arroz e o feijão também apresentam perspectivas de perdas de receitas reais no ano, avaliadas até julho de 2013. Em ambos, a menor produção esperada para 2013 pressionou o faturamento, que ficou 19,55% a.a. menor no caso do arroz e 2,34% a.a. mais baixo para o feijão. Já o milho, pela primeira vez no ano, passou a contar com saldo em declínio, (0,13% a.a.). Preços em desaceleração e menor volume estimado para a safra corrente (-2,31% em relação à temporada passada) explicam o desempenho negativo. Segundo a equipe de Grãos/Cepea, as recentes baixas nas cotações do milho têm se intensificado, e além da colheita de segunda safra satisfatória, as quedas refletem os problemas logísticos e de qualidade do cereal brasileiro, aliados ao ritmo de produção aquecido nos Estados Unidos e na Argentina.

O segmento primário da pecuária apresentou avanço de 1,59% em julho, o que ampliou para 5,38% os ganhos de 2013. As estimativas de preço médio para a cadeia ficaram 4,25% maiores que em 2012 e as expectativas de produção, 5,36% mais elevadas. Em todas as atividades o saldo foi positivo. Suínos (23,75%), frangos (22,58%), leite (17,94%) e ovos (14,32%) tiveram os maiores avanços, com expressiva ascensão das cotações. Para suínos, os preços permaneceram elevados mesmo com o maior volume, reflexo da elevação expressiva do consumo. O mesmo aconteceu na atividade leiteira, em que o crescimento de 17,06% a.a. em preços reais se somou ao aumento de 0,75% a.a. em volume produzido e o faturamento real se tornou 17,94% a.a. maior que no ano anterior. Segundo pesquisadores do Cepea, o preço do leite pago ao produtor alcançou o maior patamar desde setembro/07, em termos reais, atingindo R\$ 1,0544/litro – média ponderada pelo volume captado em junho nos estados de GO, MG, PR, RS, SC, SP e BA. Em Minas Gerais, o reajuste foi de 3,2% (3,3 centavos), com o litro alcançando R\$ 1,0714. Para frangos e suínos, a perspectiva de queda na oferta somada ao aumento da demanda permitiu que os preços se elevassem para patamares acima dos 20% a.a.

Na bovinocultura, a maior oferta de animais provocou queda de preços reais tanto para o macho quanto para a fêmea. O boi apresentou volume em alta de 8,57% a.a. e queda em preços de 4,49% a.a.; já as vacas, apontaram disponibilidade 8,06% a.a. maior e recuo de 5,11% a.a. em preços reais. Veja nas Figuras 4 e 5 a variação de volume, preços reais e faturamento real das atividades primárias da agricultura e da pecuária mineiras neste ano, tomando-se como base os preços médios de janeiro a julho de 2013 em relação ao mesmo período do ano anterior, além das estimativas anuais de produção.

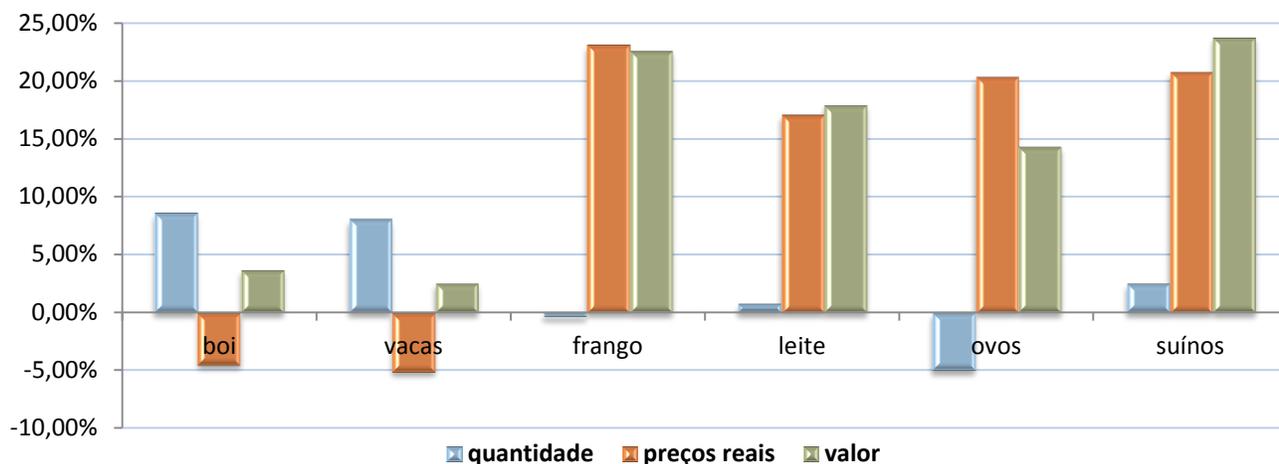




**Figura 4. Crescimento do volume, preços reais e faturamento das lavouras (% a.a.) – 2013/12**

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).





**Figura 5. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da pecuária (% a.a.) – 2013/12**

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados do Cepea, IEA, AMS, FGV e IBGE).

## ATIVIDADES DA AGROINDÚSTRIA

O segmento industrial do agronegócio mineiro apresentou expansão em julho de 0,45%. Mesmo assim, manteve cenário de queda (-0,63%) no acumulado do ano. Este resultado refletiu o desempenho negativo das atividades de processamento de base agrícola, que apresentaram declínio nos sete primeiros meses de 2013, enquanto a agroindústria de base animal cresceu em saldo positivo.

Em julho, a renda da agroindústria de base agrícola avançou 0,21%, atenuando o movimento de queda em 2013. Com isso, o desempenho anual passou de -2,43% em junho para -2,22% no acumulado até julho, refletindo a retração de faturamento de quatro das nove atividades acompanhadas nesta pesquisa. O maior peso negativo continuou a ser do açúcar, que apresentou queda de 26,03% a.a. no faturamento. Para este mercado, o fraco desempenho é resultado da consistente queda no preço do produto (-25,63% a.a.), que ocorre desde 2012 e foi acentuada neste ano dado o superávit mundial do produto. Neste cenário, pela primeira vez no ano, a estimativa anual de produção no estado foi reavaliada para baixo. De acordo com a SIAMIG, nas novas estimativas apresentadas para o produto, a maior parcela da safra da cana-de-açúcar tem se destinado à produção do etanol.

Também mostraram desempenho negativo fumo, bebidas e óleo de soja refinado. O fumo iniciou 2013 acumulando quedas e apresentou até julho taxa anual de -5,83%, com recuo de 10,32% a.a. em volume e aumento de 5,02% a.a. em preços reais. A indústria de bebidas teve queda tanto em preços quanto em quantidades, e ficou com saldo de -5,58% a.a. Já o óleo de soja refinado, passou a apresentar perspectiva de queda em volume no ano (-21,92% a.a.) e elevado declínio em preços (-13,26% a.a.), refletindo em saldo 32,27% a.a. menor em 2013 quando comparado ao mesmo período de 2012.

Por outro lado, nas indústrias de etanol, têxteis, celulose e café, o movimento foi de alta. O etanol anidro apresentou crescimento de 41,72% a.a. e queda de 0,53% a.a. em preços, levando a um aumento de 40,97% a.a. do faturamento. O hidratado, teve desempenho mais modesto, reflexo de preços reais 3,46% a.a. menores e volume 21,85% a.a. maior. Segundo informações da Unica, a expectativa é que as saídas de etanol das unidades

produtoras cresçam significativamente como reflexo do aumento das vendas do produto já verificado nos elos de distribuição e revenda no início do semestre.

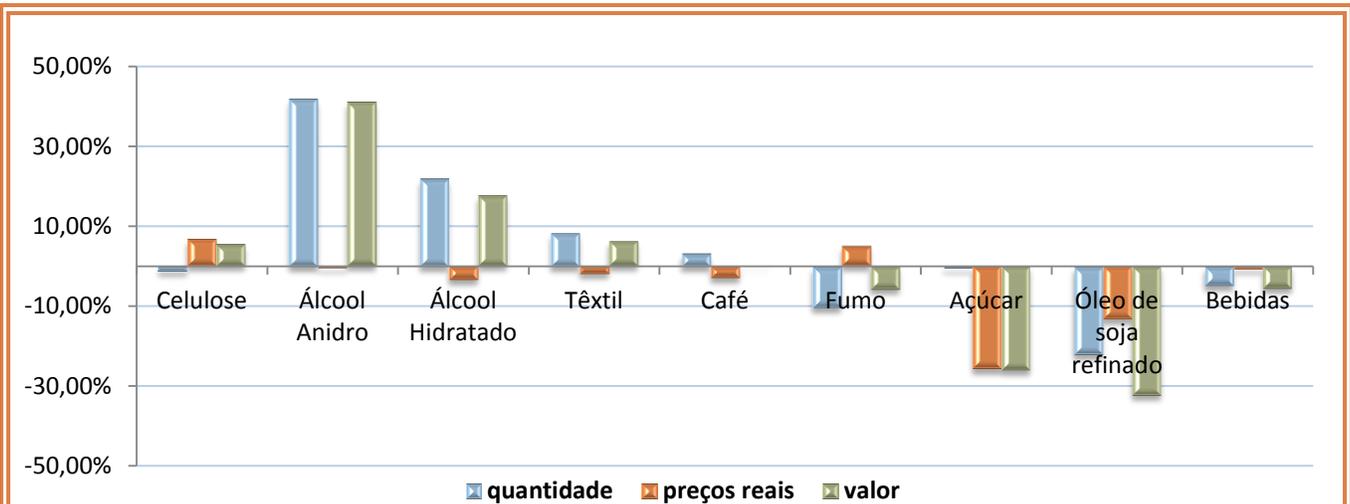
No caso dos têxteis, houve queda de preços (1,91% a.a.), mas aumento em quantidade produzida (8,36% a.a.), o que proporcionou crescimento de 6,29% a.a. no faturamento. Já a celulose, contou com elevação de preços reais de 6,73% a.a. e queda em volume de 1,17% a.a. No processamento do café, assim como nos têxteis, a expansão da quantidade impactou negativamente as cotações, mas o resultado ficou em patamar positivo pelo segundo mês consecutivo em 2013 (0,12% a.a.). Para 2013, a ABIC (Associação Brasileira da Indústria do Café) projeta um crescimento entre 2,5% e 3,0% em volume, o que elevaria o consumo interno anual para 20,9 milhões de sacas, com as vendas da indústria de café torrado e moído atingindo R\$ 8,7 bilhões.

Na agroindústria de base pecuária, a trajetória manteve-se de elevação da renda estimada. O avanço em julho foi de 1,97%, o que elevou para 10,72% o resultado no acumulado do ano. O resultado destes sete primeiros meses de 2013 pode ser explicado pela expressiva expansão do preço médio anual (11,75% a.a.) e da estimativa de volume, que acumulou avanço de 7,41% a.a.

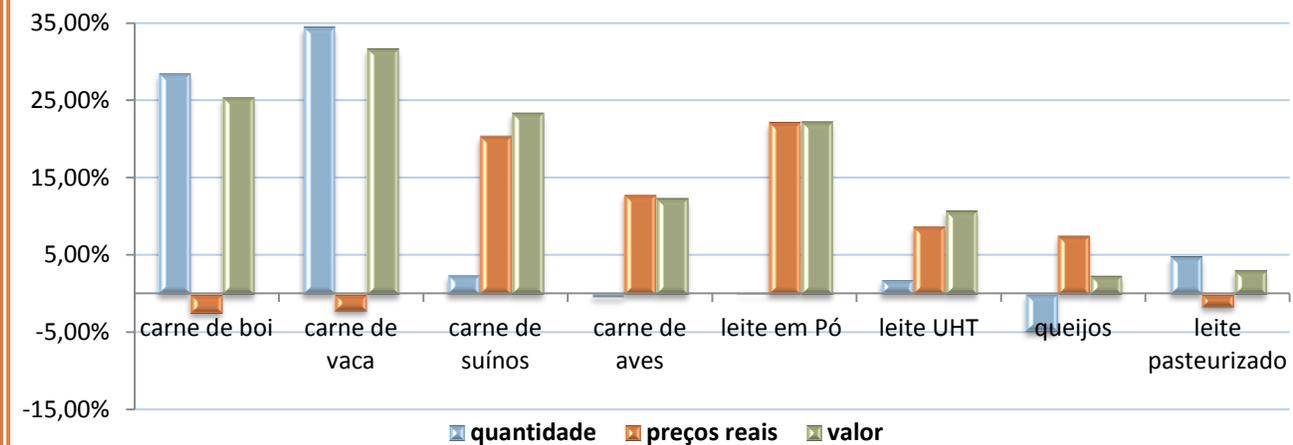
Todas as atividades da cadeia de laticínios tiveram ganhos de faturamento em julho, inclusive a de queijos, que mostrou estagnação no mês anterior. Para este produto houve declínio em volume (-4,80% a.a.) mas avanço na média anual de preços reais (+7,59% a.a.). Entre os demais derivados lácteos, o saldo também foi positivo na comparação com o mesmo período do ano anterior. O leite pasteurizado avançou 3,16% a.a., com aumento de 4,87% a.a. em volume e declínio de 1,63% a.a. em preços. Já o leite em pó apresentou a elevação mais significativa das cotações (+22,17% a.a.), proporcionando expansão de 22,26% a.a. do seu saldo, dada a alta também em volume (+0,07% a.a.). No mesmo sentido, o leite UHT valorizou 10,82% a.a., refletindo aumentos de 8,81% a.a. nas cotações e de 1,85% a.a. em volume. De acordo com a equipe Leite/Cepea, mesmo com o aumento dos preços dos derivados, a demanda pelo consumidor não enfraqueceu como esperado.

Para a carne suína, o saldo foi 23,40% a.a. na comparação com o mesmo período do ano anterior, resultado da expansão em preços e quantidades. As cotações do produto subiram em julho, especialmente na última semana do mês. Com o aumento nas exportações, os estoques que vinham se acumulando nos frigoríficos diminuíram e as temperaturas mais baixas nas últimas semanas de julho favoreceram o consumo de carne suína no mercado doméstico. Para as aves, a ampliação foi de 12,39% a.a. no faturamento: reflexo do avanço de 12,85% a.a. em preços e queda de 0,40% a.a. em volume.

Apresentou destaque o mercado de carnes bovinas, sendo que a de vaca teve variação positiva de 31,64% a.a. em faturamento e a de boi, de 25,39% a.a. As perspectivas de aumento de volume para estas atividades no estado de Minas Gerais estiveram próximas dos 30% a.a., enquanto as cotações permaneceram em declínio (taxa de -2,12% a.a. no caso da carne de vaca e de -2,39% a.a. para a carne de boi). De acordo com pesquisadores do Cepea, no mercado de carnes, predominaram fundamentos de baixa no mês: além do típico desaquecimento da demanda na segunda quinzena, frigoríficos tiveram dificuldades de manter os elevados patamares do início de julho. Os resultados anuais podem ser vistos na Figura 7 e na Tabela 12.



**Figura 6. Crescimento do volume, de preços reais e do faturamento da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2013/12**  
 Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).



**Figura 7. Crescimento do volume, preços reais e faturamento da agroindústria animal (% a.a.) – 2013/12**  
 Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa (elaborado a partir de dados da FGV, Unica e Abiove).

## DISTRIBUIÇÃO

O segmento de distribuição (comércio e transporte) do agronegócio mineiro apresentou crescimento de 0,6% em julho, acumulando avanço na renda de 1,46% em 2013.

As atividades agrícolas decresceram 0,23%, mantendo a trajetória de recuo iniciada em meados de 2012. Dessa maneira, o resultado acumulado nos sete primeiros meses de 2013 ficou 2,35% menor. Este desempenho ruim acompanhou a queda nas atividades do segmento “dentro da porteira”.

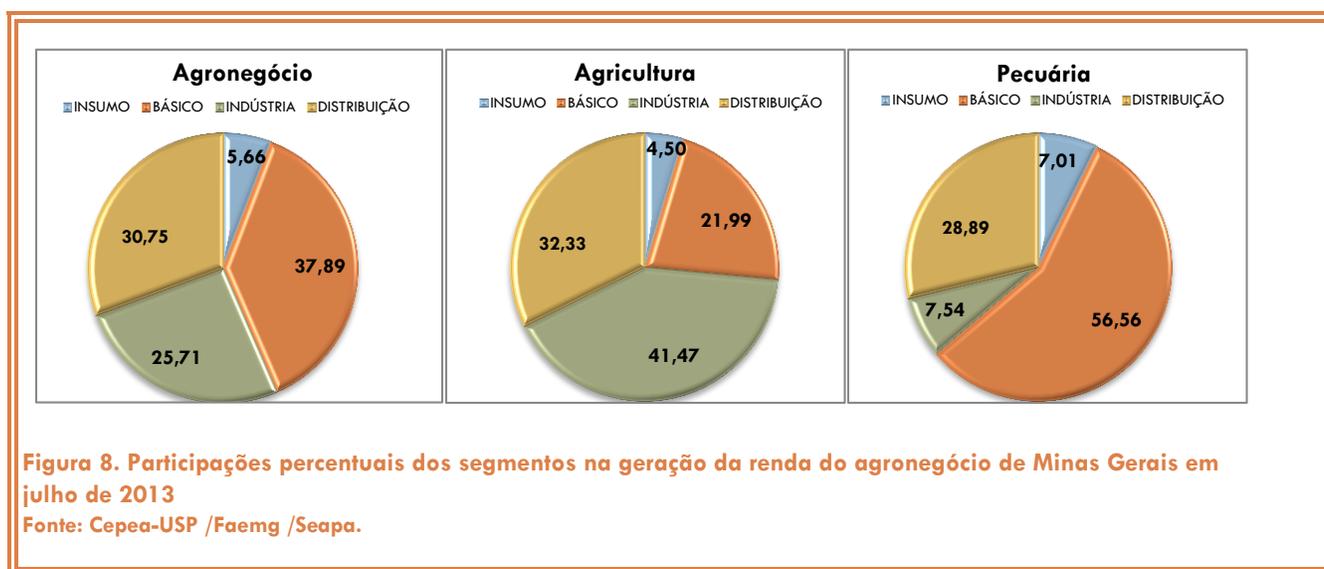
No segmento de distribuição da pecuária, o cenário continuou favorável em julho, com elevações da renda geradas na comparação com o ano anterior. Neste mês, houve crescimento de 1,70%, o que levou a alta anual para 6,86%. O comportamento em julho seguiu a expansão em todos os demais segmentos da cadeia.

## PARTICIPAÇÕES

Em julho de 2013, as participações dos segmentos na geração da renda do agronegócio de Minas Gerais passaram a ser as seguintes: insumos não agropecuários, 5,66%; segmento básico, 37,89%; industrial, 25,71%; e de distribuição, 30,75%.

No agronegócio da agricultura, o segmento de insumos continuou com a menor participação, de 4,50%. Básico (21,99%) e distribuição (32,33%) mantiveram-se nas posições intermediárias e indústria teve a maior participação (41,47%).

Já no agronegócio da pecuária, a agroindústria representa parcela muito baixa, próxima à dos insumos: 7,54% nas atividades de processamento e 7,01% para insumos. O básico representa a maior parcela da renda da cadeia, com 56,56% e distribuição fica em segundo lugar, com 28,89%. (Figura 8).



Em relação ao agronegócio nacional, o PIB do agronegócio de Minas Gerais, com base em cálculos de julho, passou a ter uma participação de 14,17% no PIB nacional do setor (Tabela 4). Em 2012, a participação era de 14,56%, registrando, até o momento, portanto, declínio de 0,39 p.p. Todos os segmentos apresentaram recuo de participação no agregado, com destaque para insumos, que caiu de 12,96% para 12,19% e para o básico, que recuou de 16,18% para 15,52% até a última análise. Na sequência, o segmento industrial teve sua participação reduzida de 13,41% para 13,14% e distribuição passou de 14,21% para 14,02%.

Vale sempre destacar que tais participações podem, ao longo do ano, serem ajustadas, uma vez que os números contidos no relatório se referem às informações disponíveis até o fechamento dos cálculos do mês corrente e também às estimativas de safra (corrente e passada), que poderão ainda, passar por mudanças.

## ANÁLISES CONJUNTURAIS GERAIS

O Indicador do **Açúcar** Cristal CEPEA/ESALQ (estado de São Paulo) acumulou queda de 2,22% em julho, fechando a R\$ 44,03/saca de 50 kg no dia 31. A média mensal foi de R\$ 44,48/saca de 50 kg, 0,55% superior à de junho (R\$ 44,23/saca de 50 kg), mas 22% abaixo da média de julho/12 (R\$ 56,96/saca de 50 kg), em termos nominais. Já o Indicador Açúcar Cristal ESALQ/BVMF – Santos acumulou alta de 1,75% em julho, fechando a R\$ 46,08/saca de 50 kg no dia 31. A média mensal foi de R\$ 46,18/saca de 50 kg, 0,72% superior à de junho (R\$ 45,85/saca de 50 kg), em termos nominais. Segundo pesquisadores do Cepea, a oferta de açúcar no correr de julho foi suficiente para atender à demanda de compradores, que buscavam preços mais baixos. No entanto, na última semana do mês, as usinas tiveram postura firme nas vendas, influenciadas pelo mercado internacional, que proporcionava maior remuneração que as vendas no spot paulista. Essa mudança esteve atrelada ao reajuste nos custos de frete e elevação do navio, que, quando convertidos em dólar, tiveram quedas, influenciando a vantagem das exportações, em valor equivalente.

Pressionadas pelo avanço da safra 2013/14 de cana-de-açúcar, as cotações do etanol nas usinas paulistas caíram em julho. O Indicador CEPEA/ESALQ mensal do **hidratado** em São Paulo teve média de R\$ 1,1145/litro (sem impostos), baixa de 2,25% em relação à de junho, de R\$ 1,1402/litro. Para o **anidro**, a média do Indicador CEPEA/ESALQ de julho foi de R\$ 1,2712/litro (sem impostos), recuo de 1,08% na mesma comparação – em junho, foi de R\$ 1,2852/litro. O volume negociado captado pelo Cepea aumentou no período: 65,6% para o hidratado e 34,8% para o anidro. Para o anidro, especificamente, o mercado spot segue bastante limitado nesta safra. Os produtores têm negociado este tipo de combustível preferencialmente na forma de contratos. Nas bombas, os preços dos combustíveis também caíram no estado de São Paulo em julho. Conforme levantamento da ANP, o preço médio do etanol hidratado foi de R\$ 1,761/l (-1,45%) e o da gasolina C, de R\$ 2,715/l (-0,4%). Com a queda dos valores, a relação de preços entre os dois combustíveis passou para 64,8%, redução de 0,7 p.p., sendo, assim, vantajoso abastecer com etanol. Segundo pesquisadores do Cepea, o clima, de um modo geral, contribuiu para a intensificação da colheita ao longo de julho, na região Centro-Sul.

As chuvas que ocorreram em julho nas principais regiões produtoras, mesmo que pontualmente, dificultaram um pouco a colheita de **café** arábica da safra 2013/14. Porém, o tempo voltou a ficar seco no final do mês, favorecendo as atividades. Assim, a nova expectativa é de que a colheita seja encerrada em meados de setembro – inicialmente, acreditava-se que as atividades pudessem ser encerradas mais cedo. Nas regiões mineiras do Cerrado e Sul, houve grande avanço nos trabalhos de colheita até o final de julho. Segundo colaboradores do Cepea, cerca de 50% dos grãos haviam sido colhidos até o período. A umidade na primeira quinzena de julho gerou lotes com maior quantidade de catação. No entanto, esse cenário não deve prejudicar significativamente a qualidade média da safra 2013/14 nestas regiões mineiras, caso o clima permaneça seco daqui para frente. Na Zona da Mata mineira, no Espírito Santo e na região paulista de Mogiana, cerca de 60% da produção de café arábica já havia sido colhida até o final de julho. A umidade, assim como no Cerrado e no Sul de Minas, depreciou poucos lotes do grão. O café, contudo, apresenta peneira inferior em relação à safra passada, devido à estiagem do início deste ano, que prejudicou o desenvolvimento do grão e reduziu o calibre. Com o avanço da colheita, cafés de qualidade superior foram observados, mas, no geral, o padrão deve ser mediano.

Os preços do **algodão** em pluma subiram na primeira quinzena do mês, mas caíram no segundo período de julho, devido à entrada mais intensa da pluma. No acumulado do mês, o Indicador ainda teve alta de 0,91%, com média de R\$ 2,1180/lp. Essa média foi 9,32% superior à de junho (R\$ 1,9374/lp). Segundo pesquisadores do Cepea, no início de julho, os preços do algodão foram impulsionados pela alta no mercado internacional. Esse aumento externo e a valorização do dólar, por sua vez, elevaram os custos com as importações. Esse cenário, por outro lado, favoreceu a receita do exportador, que, dessa forma, acabou limitando as vendas internas. Já na segunda quinzena do mês, os valores no Brasil se aproximaram da paridade de importação, o que fez com que

os preços internos passassem a cair. Além disso, comerciantes que começaram a receber o produto contratado antecipadamente estiveram mais ativos no mercado para novas vendas e foram, na maioria dos casos, flexíveis nos preços e prazos para pagamento, influenciando as quedas. De modo geral, no correr do mês, os comerciantes foram os agentes mais ativos. A maior parte dos cotonicultores esteve fora de mercado, focados na colheita. Quanto à demanda, indústrias nacionais se mostraram mais retraídas, à espera de preços menores, fundamentadas na entrada de produto da safra atual em maior intensidade.

As cotações de **milho** no Brasil tiveram quedas expressivas em julho, especialmente no Paraná e no Centro-Oeste. Compradores seguiram retraídos, apostando na continuidade das baixas. Na média das regiões pesquisadas pelo Cepea, os preços no mercado de balcão (recebidos por produtores) recuaram expressivos 8,8% e no de lotes (negociação entre empresas), 8,9%. Considerando-se a série histórica do Cepea das regiões do Paraná e do Centro-Oeste, em termos reais (deflacionada pelo IGP-DI de junho/13), os preços do milho de final de julho se aproximaram dos menores patamares em 14 anos, que foram verificados em março de 2006 e no segundo trimestre de 2010, períodos em que a oferta era expressiva. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa, referente à região de Campinas (SP), caiu fortes 7,4%, fechando a R\$ 24,22/sc de 60 kg no dia 31. Se considerados os negócios também em Campinas, mas cujos prazos de pagamento são descontados pela taxa de desconto NPR, o preço médio à vista foi de R\$ 23,87/sc no último dia do mês, queda de 7,2% em julho.

Os preços da **soja** em grão estiveram bastante instáveis no correr de julho. Do lado vendedor, a expectativa era de recuperação dos valores da oleaginosa neste segundo semestre, por conta da entressafra. Assim, sem necessidades imediatas de fazer caixa, sojicultores estiveram retraídos. Já do lado comprador, muitos apostavam em quedas nas cotações, fundamentados na possível maior oferta do produto dos Estados Unidos. No acumulado de julho, porém, as baixas prevaleceram. Nas duas últimas semanas do mês, a porcentagem de lavouras em condições boas ou excelentes recuou. A baixa não foi preocupante naquele momento, visto que o clima vinha sendo favorável ao desenvolvimento das plantações até os últimos dias do mês. No geral, a comercialização de soja no Brasil esteve relativamente avançada até o final do mês, e parte dos produtores sinalizava estar capitalizada. Assim, negócios foram realizados apenas quando houve necessidade urgente de “fazer caixa”, quando era preciso liberar armazéns para receber o milho que estava sendo colhido na segunda safra e/ou quando havia oportunidades de troca da soja por insumos.

A oferta mais enxuta tanto de animais para reposição quanto para abate manteve os preços da arroba de **boi** gordo em alta no mercado brasileiro em julho. O Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi encerrou o mês em R\$ 102,05, aumento de 1,6% no acumulado do período. A alta só não foi maior por razões climáticas. Com o frio mais intenso sobre as pastagens de algumas regiões na semana de 22 a 26 de julho, o volume de lotes de animais ofertados teve ligeiro acréscimo; em outras praças, houve um efeito psicológico do clima sobre o mercado como um todo o que, somado à pressão por parte da indústria, resultou em algumas alterações nos preços negociados. As cotações da arroba subiram nas 24 regiões acompanhadas pelo Cepea; em algumas, o aumento superou os 2% em julho. Já no mercado de carnes, predominaram fundamentos de baixa no mês. Além do típico desaquecimento da demanda na segunda quinzena, frigoríficos tiveram dificuldades de manter os elevados patamares do início do mês. A carcaça casada de boi foi negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo a R\$ 6,29/kg (a prazo) no dia 31, desvalorização de 0,94% em relação a junho.

As cotações do **suíno** vivo subiram em julho, especialmente na última semana do mês. Com o aumento nas exportações, os estoques que vinham se acumulando nos frigoríficos do Sul do país diminuíram, reduzindo também a pressão da entrada de carcaças sulistas no atacado de São Paulo a preços mais competitivos. Com as temperaturas mais baixas nas últimas semanas de julho, o consumo de carne suína no mercado doméstico também foi favorecido. Além disso, no Sudeste, a oferta de animais com peso ideal para abate se restringiu, porque quando os preços do suíno vivo estavam em queda, produtores tiveram que vender quantidade maior do produto para fazer caixa. No final de julho, os suínos que cresciam nas granjas ainda estavam no peso ideal para o abate.

O preço do **leite** pago ao produtor teve novo reajuste em julho, acumulando sucessivas altas ao longo de todo o primeiro semestre de 2013 e sendo o maior patamar desde setembro/07, em termos reais (descontando a inflação do período). O preço bruto do leite pago ao produtor (que inclui frete e impostos) calculado pelo Cepea, alcançou R\$ 1,0544/litro em julho – média ponderada pelo volume captado em junho nos estados de GO, MG, PR, RS, SC, SP e BA. Em relação ao mês anterior, a média registrou alta de 3,6% (ou de 3,7 centavos/litro) e, frente a julho/12, o aumento, em termos reais, é de 17%. O preço líquido apresentou o mesmo comportamento, chegando a R\$ 0,9798/litro, elevação de 4% (ou de 4,8 centavos/litro) em relação a junho/13. Desde o início deste ano, o aumento no preço bruto já é de 18% em termos nominais e de 14,4% em termos reais. Segundo pesquisadores do Cepea, esse novo aumento no preço do leite esteve mais atrelado à firme demanda do que a produção. Isso porque, em junho, a captação de leite chegou a aumentar no Brasil – 6,73%, conforme o Índice de Captação de Leite (ICAP-Leite) do Cepea – depois de registrar consecutivas quedas desde o início deste ano. A maior produção, por sua vez, se deve às boas condições de desenvolvimento das pastagens de inverno e também ao maior poder de compra do produtor de leite frente à alimentação concentrada.

## CONCLUSÕES

O agronegócio mineiro iniciou o segundo semestre de 2013 com alta de 0,56%. No ano, acumulou avanço de 1,12%. Ainda que baixo, este resultado ficou acima do desempenho no mesmo período de 2012, quando o setor cresceu apenas 0,84%. Ainda assim, Minas Gerais apresentou, até o momento, redução de sua participação no PIB do agronegócio nacional, indo de 14,56%, no ano passado, para 14,17%.

As atividades primárias foram marcadas pelo desempenho oposto na agricultura e na pecuária. Enquanto na cadeia pecuária, o cenário até julho foi de alta: 1,59% no mês e de 5,38% no ano. Do lado agrícola, o houve queda, tanto no mês (-1,67%) quanto no ano (-2,79%).

Na pecuária, o avanço positivo refletiu o ganho de receita em todas as atividades, com os maiores avanços para suínos (23,75% a.a.) e frango (22,58% a.a.). Na agricultura, as maiores perdas foram registradas no café, algodão, arroz e cana. Paralelamente, merece destaque a batata-inglesa e o tomate, que tiveram os maiores avanços em faturamento: 216,13% a.a. e 71,03% a.a., respectivamente. Já para o café, a significativa redução dos preços do produto tem agravado a situação dos cafeicultores de Minas Gerais, que vêm enfrentando aumento dos custos e com isso, acumulando prejuízos. Nos sete primeiros meses de 2013, o faturamento do produto registrou queda 33,84% a.a.

Também nas atividades industriais, o cenário foi de crescimento no mês (expansão de 0,45%), mas ainda declínio no ano (taxa de -0,63%). Na agroindústria agrícola, a renda manteve-se com variação negativa no ano, com destaque para o açúcar, que apresentou queda de 26,03% a.a. no faturamento. O fraco desempenho do produto se relaciona à consistente queda de preço (-25,63% a.a.) acentuada pelo superávit mundial do produto. Na agroindústria de base pecuária, por sua vez, o movimento continuou a ser de alta. A carne de vaca teve variação de 31,64% a.a. em faturamento e a de boi, de 25,39% a.a. As perspectivas de aumento de volume para estas atividades estiveram próximas dos 30% a.a., enquanto as cotações permaneceram em declínio.

Finalmente, o segmento de insumos passou a apresentar expansão da renda em 2013 após cinco meses de declínio (taxa de +0,81%). No ano, porém, o segmento ainda apresenta baixa de 3,14%. No grupo de combustíveis e lubrificantes, o faturamento anual do setor passou a registrar elevado crescimento de 20,89%, com o aumento de refino de petróleo pela Petrobras a fim de reduzir a demanda por importações de derivados..

Para os próximos meses, a nova trajetória de elevação das taxas de juros e o desempenho do Real frente ao dólar marcarão os caminhos do agronegócio no país. O aumento dos custos de financiamento e de insumos importados e o possível enfraquecimento da demanda doméstica rebatem diretamente nas decisões de investimento e no desempenho dos produtores do setor. Entretanto, é importante novamente destacar que a desvalorização da moeda nacional aumenta a janela de oportunidade para os exportadores.

## TABELAS DE DADOS

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2012 e 2013 (%)

<b>AGRONEGÓCIO</b>					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jul/12	-2,26	1,08	-1,79	-0,33	-0,27
ago/12	0,56	0,53	-0,15	0,20	0,27
set/12	-0,38	0,36	-0,32	0,03	0,05
out/12	0,71	1,13	-0,62	0,30	0,43
nov/12	0,26	0,89	-0,47	0,24	0,33
dez/12	0,35	0,81	-0,14	0,35	0,41
jan/13	0,38	0,64	-0,19	0,28	0,30
fev/13	-1,19	0,31	-0,07	0,17	0,08
mar/13	-0,61	0,04	-0,29	-0,08	-0,12
abr/13	-0,51	0,96	-0,10	0,47	0,45
mai/13	-1,30	0,17	-0,25	0,01	-0,07
jun/13	-0,75	0,01	-0,18	0,00	-0,08
jul/13	0,81	0,57	0,45	0,60	0,56
Acum. no ano (2012)	0,22	1,43	0,19	0,73	0,84
Acum. no ano (2013)	-3,14	2,73	-0,63	1,46	1,12
<b>AGRICULTURA</b>					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jul/12	-3,77	0,67	-2,18	-1,44	-1,35
ago/12	0,78	0,39	-0,23	-0,07	0,02
set/12	-0,68	0,00	-0,43	-0,31	-0,30
out/12	0,85	0,09	-0,89	-0,63	-0,48
nov/12	0,25	-0,11	-0,63	-0,49	-0,41
dez/12	0,76	0,48	-0,24	-0,05	0,05
jan/13	0,06	-0,59	-0,43	-0,47	-0,46
fev/13	-1,99	-0,02	-0,27	-0,21	-0,28
mar/13	-0,82	-0,10	-0,47	-0,38	-0,38
abr/13	-0,99	0,49	-0,39	-0,18	-0,16
mai/13	-2,05	-0,04	-0,44	-0,35	-0,40
jun/13	-1,24	-0,89	-0,44	-0,55	-0,61
jul/13	1,28	-1,67	0,21	-0,23	-0,30
Acum. no ano (2012)	1,28	0,69	0,28	0,39	0,47
Acum. no ano (2013)	-5,64	-2,79	-2,22	-2,35	-2,55
<b>PECUÁRIA</b>					
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
jul/12	-1,03	1,28	0,66	1,11	1,01
ago/12	0,38	0,61	0,36	0,54	0,55
set/12	-0,14	0,53	0,30	0,47	0,45
out/12	0,61	1,63	1,01	1,46	1,46
nov/12	0,26	1,37	0,49	1,13	1,15
dez/12	0,02	0,96	0,45	0,82	0,81
jan/13	0,64	1,24	1,57	1,33	1,24
fev/13	-0,56	0,46	1,34	0,70	0,52
mar/13	-0,44	0,10	0,98	0,35	0,20

**Relatório PIBAgro - Minas Gerais – Texto elaborado em outubro/2013 com base em informações disponíveis até julho/2013**

abr/13	-0,13	1,18	1,86	1,37	1,19
mai/13	-0,72	0,27	1,04	0,48	0,31
jun/13	-0,38	0,43	1,51	0,74	0,54
jul/13	0,45	1,59	1,97	1,70	1,57
Acum. no ano (2012)	-0,61	1,79	-0,38	1,17	1,27
Acum. no ano (2013)	-1,14	5,38	10,72	6,86	5,70

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

**Tabela 2 – Taxas de crescimento anual do agronegócio de 2002 a 2013**

<b>AGRONEGÓCIO</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	14,38	3,99	1,64	2,25	3,51
2003	14,51	3,41	10,14	6,51	6,63
2004	7,83	19,26	-3,01	7,82	9,67
2005	1,27	-12,50	5,86	-3,60	-5,02
2006	-2,59	14,55	21,17	16,52	15,46
2007	13,64	5,81	2,42	5,31	5,30
2008	32,75	13,64	3,48	8,38	10,86
2009	-9,14	-8,57	5,92	-1,83	-3,35
2010	-6,79	12,55	25,47	18,35	16,05
2011	19,00	20,01	2,42	9,61	12,05
2012	1,82	4,83	17,92	11,00	9,69
<b>2013</b>	-3,14	2,73	-0,63	1,46	1,12

<b>AGRICULTURA</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	9,46	1,68	3,28	2,75	2,98
2003	15,74	-3,87	11,83	6,68	5,92
2004	9,77	14,76	-4,84	0,94	3,01
2005	-3,45	-4,20	6,13	2,66	1,42
2006	-6,51	-1,16	26,73	17,99	14,23
2007	22,39	-4,27	-1,38	-2,14	-1,09
2008	38,66	22,05	2,48	7,50	10,90
2009	-16,37	-9,45	8,73	3,43	0,48
2010	-11,86	17,69	29,49	26,48	23,09
2011	19,13	19,54	3,10	7,01	8,74
2012	3,27	2,28	20,51	15,67	13,67
<b>2013</b>	-5,64	-2,79	-2,22	-2,35	-2,55

<b>PECUÁRIA</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2002	19,21	5,55	-4,74	1,66	4,15
2003	13,40	8,10	3,02	6,30	7,46
2004	6,04	21,84	5,39	16,19	17,41
2005	5,76	-16,99	4,73	-10,22	-11,59
2006	0,82	24,33	-2,07	14,74	16,89
2007	6,59	10,80	22,98	14,58	12,60

2008	27,27	10,04	7,84	9,31	10,82
2009	-1,86	-8,15	-5,66	-7,33	-7,19
2010	-2,43	10,15	6,34	8,87	8,38
2011	18,89	20,24	-1,53	13,14	16,15
2012	0,70	6,10	2,24	5,01	5,08
<b>2013</b>	<b>-1,14</b>	<b>5,38</b>	<b>10,72</b>	<b>6,86</b>	<b>5,70</b>

Fonte: Cepea-USP /Faemg /Seapa.

**Tabela 3 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2013 (R\$ milhões de 2013)**

<b>AGRONEGÓCIO</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	4.193	28.475	16.854	22.008	71.531
2002	4.796	29.613	17.130	22.504	74.043
2003	5.492	30.621	18.866	23.969	78.949
2004	5.922	36.519	18.299	25.843	86.584
2005	5.997	31.953	19.371	24.913	82.235
2006	5.842	36.601	23.473	29.030	94.945
2007	6.639	38.726	24.040	30.571	99.975
2008	8.813	44.008	24.876	33.132	110.829
2009	8.007	40.238	26.350	32.525	107.121
2010	7.464	45.290	33.060	38.495	124.309
2011	8.882	54.352	33.861	42.194	139.288
2012	9.044	56.979	39.928	46.834	152.785
2013	8.689	58.204	39.499	47.236	15.628
<b>AGRICULTURA</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	2.077	11.418	13.404	12.008	38.907
2002	2.273	11.609	13.844	12.338	40.064
2003	2.631	11.160	15.481	13.162	42.435
2004	2.888	12.807	14.731	13.287	43.713
2005	2.789	12.270	15.634	13.641	44.333
2006	2.607	12.128	19.813	16.095	50.644
2007	3.191	11.610	19.539	15.751	50.091
2008	4.424	14.170	20.023	16.932	55.549
2009	3.700	12.832	21.771	17.513	55.816
2010	3.261	15.101	28.192	22.151	68.705
2011	3.885	18.053	29.066	23.703	74.707
2012	4.012	18.465	35.026	27.417	84.920
2013	3.738	18.255	34.176	26.835	83.003
<b>PECUÁRIA</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	2.117	17.057	3.450	10.001	32.624
2002	2.523	18.003	3.286	10.166	33.979
2003	2.861	19.461	3.385	10.807	36.514
2004	3.034	23.712	3.568	12.557	42.870
2005	3.209	19.683	3.737	11.273	37.902
2006	3.235	24.473	3.659	12.934	44.302
2007	3.448	27.116	4.500	14.820	49.884
2008	4.389	29.838	4.853	16.199	55.280
2009	4.307	27.406	4.579	15.012	51.304
2010	4.203	30.188	4.869	16.344	55.604
2011	4.997	36.299	4.794	18.491	64.582
2012	5.032	38.514	4.902	19.417	67.865
2013	4.952	39.949	5.323	20.401	70.625

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

**Tabela 4 – Participação do PIB do agronegócio de Minas Gerais no agronegócio nacional (%)**

<b>AGRONEGÓCIO</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	9,61	13,12	6,93	8,83	9,50
2002	9,44	12,19	6,66	8,38	9,04
2003	9,57	11,27	7,13	8,58	9,04
2004	10,02	13,56	6,58	8,95	9,67
2005	11,31	13,15	6,96	8,92	9,63
2006	11,37	15,39	8,20	10,29	11,07
2007	11,38	14,52	8,05	10,15	10,81
2008	12,60	14,38	8,12	10,45	11,09
2009	13,22	14,23	8,94	10,70	11,37
2010	12,33	14,44	10,84	12,04	12,44
2011	13,01	15,44	10,93	12,54	13,06
2012	12,96	16,18	13,41	14,21	14,56
2013	12,19	15,52	13,14	14,02	14,17
<b>AGRICULTURA</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	7,35	9,59	6,60	7,10	7,49
2002	6,96	8,27	6,39	6,66	6,97
2003	7,03	6,85	6,90	6,77	6,86
2004	7,51	8,00	6,23	6,58	6,86
2005	8,51	9,07	6,58	7,02	7,39
2006	8,10	8,99	8,01	7,99	8,22
2007	8,63	7,67	7,60	7,42	7,62
2008	9,58	8,00	7,62	7,68	7,86
2009	9,69	7,98	8,52	8,15	8,34
2010	8,63	8,37	10,66	9,81	9,70
2011	9,30	8,75	10,81	9,97	9,90
2012	9,42	8,95	13,48	11,68	11,42
2013	8,60	8,47	13,07	11,34	10,96
<b>PECUÁRIA</b>					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	13,78	17,42	8,64	12,47	13,98
2002	13,87	17,57	8,09	12,23	13,90
2003	14,35	17,87	8,42	12,72	14,38
2004	14,71	21,69	8,61	14,44	16,59
2005	15,85	18,27	9,21	13,28	14,95
2006	16,84	23,78	9,47	16,02	18,34
2007	16,14	23,51	10,80	16,65	18,66
2008	18,45	23,14	11,11	16,77	18,87
2009	19,27	22,47	11,71	16,86	18,83
2010	18,45	22,65	12,00	17,39	19,13
2011	18,83	24,88	11,68	18,74	20,69
2012	18,51	26,42	12,92	20,48	22,20
2013	17,78	25,04	13,62	20,32	21,61

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Tabela 5 - Ponderações utilizadas para cada segmento do PIB do agronegócio de Minas Gerais

SEGMENTO BÁSICO												
Agricultura	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Café	52,95	38,58	29,82	41,11	42,78	49,67	37,00	40,11	36,22	43,14	48,22	42,51
Milho	9,67	16,97	18,42	14,14	14,02	10,84	17,31	14,95	12,51	9,69	11,47	12,63
Soja	7,74	12,91	15,98	14,99	11,53	8,78	11,49	11,82	13,63	9,90	9,28	12,07
Cana-de-açúcar	7,33	6,09	7,06	6,09	6,75	11,24	12,42	9,46	13,43	15,17	14,06	14,68
Feijão	5,55	7,44	8,25	4,74	6,79	4,83	6,53	10,28	5,88	6,43	4,12	6,95
Batata – inglesa	6,33	4,80	6,20	5,06	6,33	4,83	5,90	4,37	7,33	5,61	2,69	3,26
Carvão vegetal	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02	0,01	0,01	0,05	0,01
Mandioca	0,39	0,52	1,73	1,81	0,93	0,75	1,02	0,86	0,82	0,92	0,79	0,69
Tomate	3,35	5,16	4,27	5,50	4,62	2,74	2,91	2,87	3,24	2,14	2,25	2,24
Laranja	2,03	2,36	2,24	1,15	1,36	1,31	0,77	1,29	1,97	1,93	1,34	0,68
Banana	3,12	3,16	3,58	2,63	2,62	3,47	3,06	2,83	3,41	3,37	2,81	2,61
Algodão	0,67	0,80	1,04	1,44	1,29	0,83	0,79	0,56	1,04	1,33	2,75	1,50
Arroz	0,87	1,19	1,39	1,32	0,94	0,69	0,79	0,57	0,51	0,36	0,16	0,16
<b>Total</b>	<b>100,00</b>											
SEGMENTO BÁSICO												
Pecuária	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Boi vivo	34,82	36,48	33,98	37,64	35,18	41,40	36,91	36,88	37,16	38,77	38,63	38,82
Vaca viva	17,63	17,90	18,27	21,68	13,00	21,32	18,53	18,65	17,56	17,20	21,42	23,02
Frango vivo	10,04	10,26	10,05	8,86	10,09	7,42	8,13	8,33	8,82	8,42	7,60	7,84
Leite natural	27,38	25,96	26,79	23,25	31,30	22,63	28,21	26,65	27,85	26,46	24,25	21,58
Ovos	3,93	4,02	4,51	3,16	3,68	2,83	3,68	3,57	3,33	2,96	2,67	2,73
Suíno vivo	6,21	5,38	6,41	5,41	6,76	4,40	4,55	5,92	5,29	6,19	5,43	6,01
<b>Total</b>	<b>100,00</b>											
SEGMENTO INSUMOS												
Insumos para a Pecuária	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Combustíveis e Lubrificantes	18,86	15,25	14,69	13,68	16,17	16,74	15,06	12,87	12,68	12,72	9,05	14,87
Adbos, Fert. e Cor. Solo	23,42	22,09	22,80	24,03	20,89	18,88	22,85	25,90	21,58	19,14	20,22	22,16
Alimentos para animais	57,72	62,66	62,52	62,29	62,94	64,38	62,08	61,23	65,73	68,14	70,73	62,97
<b>Total</b>	<b>100,00</b>											
SEGMENTO INSUMOS												
Insumos para a Agricultura	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Combustíveis e Lubrif.	18,55	16,33	15,41	13,87	17,96	20,06	15,72	12,33	14,25	15,82	11,23	16,03
Adbos, Fert. e Cor. Solo	81,45	83,67	84,59	86,13	82,04	79,94	84,28	87,67	85,75	84,18	88,77	83,97
<b>Total</b>	<b>100,00</b>											
SEGMENTO INDUSTRIAL												
Indústria da Pecuária	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Carne de boi	9,17	10,28	10,62	10,52	10,36	12,12	11,22	13,68	13,26	15,76	14,68	15,24
Carne de vaca	3,78	3,72	4,36	4,80	4,64	5,60	5,45	7,42	6,04	6,45	5,73	6,32
Carne suína	6,59	6,34	7,92	8,19	8,30	6,97	6,31	8,44	8,07	10,43	10,96	12,11
Carne de aves	11,96	13,55	13,92	12,47	13,17	12,66	11,60	12,91	13,69	15,30	16,95	17,34
Leite em pó	19,72	18,08	15,25	14,73	15,35	14,49	16,48	12,63	11,97	32,88	29,77	27,41
Leite UHT	17,75	17,70	18,10	18,76	17,52	18,15	18,43	15,72	17,02	13,50	16,55	18,12
Queijo	18,16	16,69	14,18	13,74	13,11	12,93	13,62	12,42	12,67	2,76	2,53	1,11
Leite pasteurizado	12,86	13,65	15,66	16,78	17,55	17,09	16,88	16,77	17,27	2,93	2,84	2,35
<b>Total</b>	<b>100,00</b>											
SEGMENTO INDUSTRIAL												
Indústria Agrícola	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013

**Relatório PIBAgro - Minas Gerais – Texto elaborado em outubro/2013 com base em informações disponíveis até julho/2013**

Celulose, papel e produtos de papel	21,68	21,11	20,54	21,45	20,76	16,13	19,50	17,65	13,23	12,11	10,75	8,92
Álcool Anidro	16,74	13,79	15,21	11,69	14,36	19,74	14,59	13,79	10,87	11,69	17,65	13,67
Álcool Hidratado	9,75	9,63	12,20	11,09	15,87	18,19	22,95	27,88	29,70	29,17	23,45	14,59
Têxtil	10,56	9,97	8,86	9,76	9,34	7,42	7,08	5,84	4,81	3,96	3,51	2,74
Indústria do café	14,36	12,70	10,97	13,98	12,14	9,94	11,82	11,12	10,35	11,02	11,62	11,07
Indústria do fumo	1,30	1,16	0,80	0,87	0,82	0,69	0,70	0,64	0,62	0,47	0,46	0,38
Indústria do açúcar	9,57	12,96	13,66	13,90	15,55	19,13	12,43	11,72	21,83	24,41	23,67	40,85
Óleos soja refinado	7,04	11,71	12,39	12,00	6,66	5,07	6,94	7,80	5,11	4,26	6,16	5,58
Indústria de bebidas	9,01	6,98	5,38	5,25	4,48	3,69	3,99	3,56	3,49	2,91	2,74	2,20
<b>Total</b>	<b>100,00</b>											

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.

Obs: As ponderações do presente ano derivam do valor bruto da produção do setor no ano anterior.

**Tabela 6 – Taxas de crescimento no mês de julho de 2013 (%)**

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	0,45	1,59	1,97	1,70	1,57
Agricultura	1,28	-1,67	0,21	-0,23	-0,30
Agronegócio total	0,81	0,57	0,45	0,60	0,56

**Tabela 7 – Taxas de crescimento acumuladas em 2013 (%)**

	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio
Pecuária	-1,14	5,38	10,72	6,86	5,70
Agricultura	-5,64	-2,79	-2,22	-2,35	-2,55
Agronegócio total	-3,14	2,73	-0,63	1,46	1,12

**Tabela 8 – Crescimento do volume e dos preços reais dos insumos (% a.a.) – 2013/12**

	Combustíveis e Lubrificantes	Adubos, Fertilizantes e Cor. Solo	Alimentos p/ animais
Quantidade	15,28	-7,63	-5,10
Preços reais	4,87	-6,39	3,57
Valor	20,89	-13,53	-1,72

**Tabela 9 – Crescimento do volume e preços reais das lavouras (% a.a.) – 2013/12**

	Café	Milho	Soja	Cana-de-açúcar	Feijão	Batata – Inglesa	Carvão vegetal	Mandioca	Tomate	Laranja	Banana	Algodão herbáceo	Arroz
Quantidade	-5,76	-2,31	9,74	10,12	-10,92	8,19	-3,98	-0,21	16,39	3,55	6,69	-35,94	-28,87
Preços reais	-29,79	2,24	-2,45	-14,43	9,64	192,21	-9,12	33,76	46,94	-50,57	32,07	13,80	13,10
Valor	-33,84	-0,13	7,05	-5,77	-2,34	216,13	-12,74	33,49	71,03	-48,81	40,90	-27,10	-19,55

**Tabela 10 – Crescimento do volume e preços reais da pecuária (% a.a.) – 2013/12**

	Boi	Vacas	Frango	Leite	Ovos	Suínos
Quantidade	8,57	8,06	-0,40	0,75	-4,99	2,49
Preços reais	-4,49	-5,11	23,07	17,06	20,33	20,74
Valor	3,69	2,54	22,58	17,94	14,32	23,75

**Tabela 11 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria vegetal (% a.a.) – 2013/12**

	Celulose	Alcool Anidro	Alcool Hidratado	Têxtil	Café	Fumo	Açúcar	Óleo de soja refinado	Bebidas
Quantidade	-1,17	41,72	21,85	8,36	3,21	-10,32	-0,54	-21,92	-4,81
Preços reais	6,73	-0,53	-3,46	-1,91	-2,99	5,02	-25,63	-13,26	-0,81
Valor	5,48	40,97	17,63	6,29	0,12	-5,83	-26,03	-32,27	-5,58

**Tabela 12 – Crescimento do volume e preços reais da agroindústria animal (% a.a.) – 2013/12**

	Carne de boi	Carne de vaca	Carne de suínos	Carne de aves	Leite em Pó	Leite UHT	Queijo	Leite pasteurizado
Quantidade	28,47	34,48	2,49	-0,40	0,07	1,85	-4,80	4,87
Preços reais	-2,39	-2,12	20,41	12,85	22,17	8,81	7,59	-1,63
Valor	25,39	31,64	23,40	12,39	22,26	10,82	2,43	3,16

OBS: Os números apresentados nas Tabelas 6 a 12 correspondem aos dados utilizados nas figuras do texto.

**Tabela 13 – PIB do agronegócio de Minas Gerais de 2001 a 2013 (R\$ preços correntes)**

AGRONEGÓCIO					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	1.687	11.453	6.778	8.852	28.769
2002	2.190	13.518	7.820	10.273	33.801
2003	3.079	17.166	10.576	13.437	44.257
2004	3.632	22.397	11.222	15.849	53.100
2005	3.897	20.765	12.589	16.190	53.442
2006	3.862	24.196	15.517	19.191	62.766
2007	4.612	26.902	16.700	21.237	69.450
2008	6.810	34.005	19.222	25.600	85.636
2009	6.298	31.649	20.725	25.582	84.254
2010	6.198	37.609	27.454	31.967	103.227
2011	8.004	48.981	30.514	38.024	125.523
2012	8.305	52.323	36.665	43.007	140.300
2013	8.689	58.204	39.499	47.236	153.628

AGRICULTURA					
	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	DISTRIBUIÇÃO	TOTAL
2001	835	4.592	5.391	4.829	15.648
2002	1.038	5.300	6.320	5.632	18.290
2003	1.475	6.256	8.678	7.379	23.788
2004	1.771	7.855	9.034	8.148	26.809
2005	1.812	7.974	10.160	8.865	28.811
2006	1.723	8.017	13.098	10.640	33.479
2007	2.216	8.065	13.573	10.942	34.797
2008	3.418	10.949	15.472	13.083	42.922
2009	2.910	10.093	17.124	13.775	43.902
2010	2.708	12.540	23.411	18.394	57.053
2011	3.501	16.269	26.194	21.360	67.323
2012	3.684	16.956	32.164	25.177	77.981
2013	3.738	18.255	34.176	26.835	83.003

<b>PECUÁRIA</b>					
	<b>INSUMO</b>	<b>BÁSICO</b>	<b>INDÚSTRIA</b>	<b>DISTRIBUIÇÃO</b>	<b>TOTAL</b>
2001	851	6.860	1.387	4.022	13.121
2002	1.152	8.219	1.500	4.641	15.512
2003	1.604	10.909	1.898	6.058	20.469
2004	1.861	14.542	2.188	7.701	26.292
2005	2.085	12.792	2.428	7.326	24.631
2006	2.139	16.179	2.419	8.551	29.287
2007	2.395	18.837	3.126	10.295	34.653
2008	3.391	23.056	3.750	12.517	42.714
2009	3.388	21.556	3.601	11.807	40.353
2010	3.490	25.068	4.043	13.572	46.174
2011	4.503	32.712	4.321	16.664	58.199
2012	4.621	35.367	4.501	17.830	62.319
2013	4.952	39.949	5.323	20.401	70.625

Fonte: Cepea-USP/Faemg/Seapa.